

UMA NOVA ÓTICA PARA A PRÁTICA DA TRADUÇÃO

Fábio José de Abreu Moura (1); Yasmin Rita da Silva Souza (2); Gisele Pereira de Oliveira (3)

(Universidade de Pernambuco) (1) fabiojosedebreumoura@hotmail.com; (2) minerita.mr@gmail.com; (3) giselepdeoliveira@uol.com.br

Resumo: O aprendizado de uma língua estrangeira (LE) é, na maioria das vezes, associado à tradução, seja ela tratada como uma simples transposição de significados partindo da língua materna (LM) ou pelo uso da linguagem não-verbal, como imagens, gestos e afins, e que, no decorrer dos anos se tornou recorrente por muitos profissionais na educação formal, contudo, quer seja por alguma deficiência na metodologia do educador, do próprio sistema de ensino ou ainda por algum obstáculo provindo do aluno, a tradução vem sendo posta de lado, não passando de uma forma negativa de preencher lacuna sem, de fato, ser trabalhada, apenas dada, levando-a a se tornar um empecilho em sala de aula, gerando por fim um preconceito sobre a sua importância. O presente trabalho apresenta uma breve contextualização histórica e social que vem com o intuito de romper com a ideia de que tradução não condiz como método capacitado de ensino, partindo de pressupostos defendidos por estudiosos que defendem a tradução como uma quinta habilidade linguística do aprendizado de LE, e ainda, que partem em defesa da tradução, cujo tratamento para com ela se dá de maneira inabitual ao qual acomoda o aluno quando tratam sobre o ato de traduzir, limitando ao condicionamento formal e de uso robótico - onde há a troca de uma palavra por outra, com significados similares, por intermédio de um dicionário - o que é um vasto e desconhecido campo a ser explorado por diversos educadores, além de ater sua prática à um passado pedagógico que não é mais conveniente na atual conjuntura social.

Palavras-chave: Tradução, educação, língua estrangeira, habilidades.

1. INTRODUÇÃO

A globalização, no contexto que vem assumindo no atual século, tornou-se responsável pelo perfil de ensino de língua estrangeira que escolas e alguns cursos próprios para a educação na língua têm adotado de tal modo que os aprendizes começam a apreendê-la antes mesmo de conseguirem formular o “bê-á-bá” na língua materna, isto é, a importância colocada em cima da posse e domínio de outro idioma é tanta que quanto antes se começa a estudá-lo, mais capacitado o indivíduo será e assim, poderá se destacar no meio. Existe a criação da necessidade de aprender rápido, de modelar o conhecimento desde muito cedo, como foi dito acima, e pensando desta forma é formulada uma idealização de ensino a fim de suprir com essa necessidade, mesmo que nem sempre englobe todas as habilidades de LE (são elas: *listening, speaking, reading* e *writing*), focando apenas em duas ou três, mas que seja apresentada de maneira objetiva para que a compreensão aconteça mais intensiva e de rápidos

resultados. E então o método da tradução é tomado por obsoleta e a sua já má utilização cessa de vez. Contudo, o papel do professor é estar atualizado sobre quaisquer métodos de ensino em prol de um maior aproveitamento de seus alunos, buscando aproximá-los de tais métodos para que não fiquem presos em apenas uma ideia de tradução, mas que a busquem em diversas áreas, das mais variadas formas, completamente aquém do perímetro da sala de aula, contemplando o que as duas línguas possam oferecer, tal qual é a proposta deste trabalho e bem como afirma Fracaro, acentuando que ao se nutrir dos benefícios que ambas podem oferecer, o aprendiz leva seu conhecimento a outro patamar, enriquecendo-o.

O artigo parte da inquietação sobre esse tipo de pensamento, uma vez que, contribuinte no ensino de LE sobre uma parcela generosa de tempo, a tradução não pode, nem deve, ser esquecida. Baseando-se em argumentos de alguns estudiosos sobre a educação em língua estrangeira, o objetivo é trazer à tona uma face da tradução que ainda, mesmo depois de anos em prática, é desconhecida a muitos e quebrar com o preconceito gerado sobre a mesma. O intuito de se desfazer desse tipo de pensamento acerca do uso da tradução moldar-se-á em parâmetros socioculturais, contando de antemão o que se entende, de fato, sobre tradução para então justificar sua imprescindível contribuição para a LE, além de apresentá-la como sendo uma quinta habilidade dentro da educação, claro, se adaptada de forma correta para os novos aprendizes, ávidos por um aprendizado que supra suas necessidades na língua rapidamente.

2. TRADUÇÃO?

Para contemplar o cerne da tradução, historicamente falando, seria necessário um, dois ou mais artigos completos, contudo, como o foco aqui é o seu papel na sociedade e na educação, será elaborado neste artigo uma linha do tempo breve e objetiva, em prol de uma visão clara sobre o assunto.

Não se sabe ao certo quem foi o primeiro a usar a designação, mas, de forma aproximada e unânime, pode-se dizer que o termo tradução vem da forma indo-europeu *traducere*, que significa, à moda bruta, *transferir*, sendo assim, entendida por tradução quaisquer ações de transferências, seja no âmbito linguístico, de uma língua para outra, na mesma língua ou com signos não-verbais, ao fim, transferência de significados. Contudo, a ação de traduzir já acontecia muito antes de receber um nome. Pode-se dizer que só não é mais antiga do que a própria humanidade, sendo ela a responsável por sua “aparição”, uma

vez que a necessidade de tradução surgiu da interação entre diferentes povos que, conseqüentemente, falavam as mais variadas línguas. E não se limitou à língua, mas à troca de uma cultura mais palpável: o comércio. Foi o empurrão que a tradução precisava. Com a intensa comercialização, tornou-se comum um conhecimento sobre termos sem nunca tê-los conhecido, de fato, apenas o domínio sobre uma diversificada gama lexical.

Deste modo, a tradução foi se tornando a protagonista em diversos episódios da história da civilização, passando por Roma, pelas Índias e chegando ao Novo Mundo por meio das Grandes Navegações, a partir daí, o Brasil foi se moldando em cima de traduções entre a língua europeia, sendo ela de todos os países que contribuíram para a colonização do povo indígena brasileiro, e a língua nativa que encontraram, ocorrendo assim um lento processo de assimilações, adições e subtrações para com o léxico que viria a ser a base para a LM que se tem nos dias atuais. Mais uma vez, a tradução assume um papel fundamental na história e, além da função comunicativa, já firmada das antigas práticas comerciais que foram supracitadas, ela passa a ser um instrumento religioso, isto é, utilizada para a catequese dos indígenas na cultura cristã; no entanto, palavras de seu uso, principalmente as que designavam comidas, plantas e animais exóticos do Brasil foram incrementadas no dicionário europeu. Anos depois, com a colonização já firmada e a presença de povoados fixos e cuja população crescia cada vez mais, a prática de tradução se volta para as línguas clássicas num ambiente mais pedagógico, limitado à educação escolar, como bem era nas cortes européias.

Tem-se então o trabalho com textos longos e antigos, em línguas que erroneamente são tidas como línguas mortas, como o Latim. E o aprendizado é robótico, feito debaixo de leitura e transferência.

Sob o desenrolar dos séculos, o conceito de tradução se estendeu pelos mais variados caminhos, assumindo aspectos em diversas áreas na sociedade, quer que fosse na literatura, cinema e, dentre muitos outros, tomou um espaço excepcional, tornando seu uso maior do que um simples acessório em sala de aula. Em via disso, é correto dizer afirmar que tradução se tornou uma prática automática para os falantes, que ocorre sem que nem ao menos se pense no ato de traduzir como uma tarefa trabalhosa; seja por meio de filmes, séries, revistas ou jogos, a tradução ocorre num processo lúdico e de forma interativa.

Em contrapartida, o caráter que ela assume em sala de aula é completamente oposto, isso ocorre, como já foi dito, por causa da nova perspectiva que o ensino assume, dando aos alunos uma educação direcionada ao mercado profissional. Colocando o trabalho – não ato –

de tradução de maneira punitiva e que faz com que o aluno passe a desgostar daquilo enquanto forma de aprendizado.

Em síntese, podemos ainda perceber que desde os Romanos para as salas de cursos do século XXI, a prática de tradução se tornou um campo tão vasto e com infinitas atribuições que hoje se é capaz de estudá-la dentro dela própria, isto é, sem procurar tópicos em outros ramos de estudos, é possível analisa-la como um todo: o produto, quem o produz e o próprio ato de produzir, e ainda nesses três tópicos desprende-se um leque ainda maior que serviria para enriquecer o trabalho do educador para com o aluno em sala de aula e que, no entanto, não acontece. Isso porque a maioria dos professores ainda está presa aos métodos arcaicos que tratam a tradução como uma simples troca de língua e não atinam para os diferentes caminhos pelos quais podem conduzi-la, caminhos esses que fariam toda a diferença, uma vez que é esquecida um pouco a obrigação de traduzir como um sistema fechado a mudanças e criada uma visão de que a tradução é tão maleável quanto a própria sociedade.

3. POR QUE A TRADUÇÃO É VISTA COMO UM PROBLEMA?

A prática de tradução como método de ensino de uma LE já foi o mais utilizado, numa perspectiva histórica, a abordagem Gramática Tradução (AGT). Leffa (1988) afirma que foi a primeira atividade usada para o ensino de língua estrangeira. Este método pedia que os alunos traduzissem longos textos, palavra por palavra, normalmente voltados ao ensino do Grego e do Latim, sendo essencialmente uma prática cansativa e monótona.

À medida que o mundo ia sendo influenciado pelos efeitos da globalização, esta prática começou a se tornar ineficiente e a apresentar lacunas, entre elas a falta de autenticidade. A partir disso, outros métodos começaram a aparecer e a tradução se tornou esquecida. As novas formas de ensino pediam uma abordagem pedagógica e comunicativa, e com isso trabalhar aspectos cognitivos do aprendiz. A AGT do passado focava somente em regras gramaticais da língua, logo passou a ser uma “atividade seca, estéril e divorciada do mundo real da linguagem” (RIDD. 2000, apud DAMACENA, 2010, p.2). Ainda segundo DAMACENA (2010, p.3), BROWN (2007) diz que a AGT não permite o desenvolvimento das habilidades de comunicação dos alunos. Por isso não havia espaço para a tradução nos novos métodos criados.

Atualmente a preocupação maior não se volta somente a entender (ler) e escrever textos de outra língua como na antiguidade, onde se traduzia textos religiosos. A importância hoje está voltada muito mais à fluência em quatro habilidades “básicas”: *listening; speaking; reading; e writing*. Com o surgimento do Método Direto onde estas quatro habilidades foram inauguradas como um conjunto, a chamada “Abordagem Comunicativa”, a tradução passou a ser vista com indiferença (Leffa, 1988, p. 215), pois ela (a tradução) trabalhava apenas duas competências: leitura e escrita. “A ênfase está na forma escrita da língua, desde os exercícios iniciais até a leitura final dos autores clássicos do idioma. Pouca ou nenhuma atenção é dada aos aspectos de pronúncia e de entonação”. (Leffa, 1988, p. 214).

A crítica roda em torno de querer que os alunos não comparem a L1 com a L2, por tomar a tradução como um fator de interferência negativa da língua materna, sendo esta uma alienada batalha diária dos professores. Porém, “O grande engano dos lingüistas aplicados foi acreditar que fosse possível suprimir a tradução involuntária vedando o uso da Língua Materna e a prática da tradução consciente em sala de aula” (RIDD, 2007), pois, “[...] por mais autônomo que seja o aprendiz, ainda sim fará associações entre a LE e a língua materna, mesmo que de maneira involuntária ou subconsciente” (ROCHA, 2012, P. 84).

4. POR QUE GOSTAR DA TRADUÇÃO?

Não recorrer à língua nativa no aprendizado de línguas é praticamente impossível. Precisamos de uma base estrutural para compreender outra, sendo assim estamos a todo tempo comparando-as, “sem falar na dita tradução involuntária que acontece inconscientemente na mente dos estudantes, mesmo que os professores apontem como regra número 1 ‘pensar na língua estrangeira’” (DAMACENA, 2010, p. 4).

Acontece muitas vezes do professor deixar a tradução de lado com o objetivo de poupar tempo, isto é um erro grave. Os alunos precisam desenvolver um procedimento onde terão de desenvolvê-lo cognitivamente, isso lhes permitirá uma ‘conquista pessoal’ e passarão a apresentar segurança ao precisarem usar o que aprenderam.

Utilizar a tradução como uma estratégia de aprendizagem permite que o aluno, entre outras coisas, pense e use a LE de uma forma consciente, “palpável” e bem estabelecida. O aprendiz “manuseia” a língua, “enxerga” sua estrutura e “brinca” com seus significados e sentidos, agindo de forma mais segura acerca do que recebe e produz na LE. (ROCHA, 2012, p. 84)

No entanto, a tradução pura pode fugir deste ideal, por isso a necessidade do dinamismo e boa preparação de aula. Afinal, “Quando o MGT veio à cena estava tão focado na estrutura da língua que se esqueceu do significado dela. Dessa forma, não foi a tradução em si o erro do método, mas sim a forma como ela era usada em sala de aula.” (DANACENA, 2010, p. 5-6). Com isso, entende-se que a tradução não se trata de um método, mas de uma ferramenta a mais para o ensino de LE.

De acordo com Rathert (2002) o uso da tradução é bem aceito quando o professor pretende comparar construções sintáticas entre a língua materna e a língua estrangeira, desta forma não exclui o conhecimento estrutural da Língua Materna, fazendo com que o estudante possa compreender de forma natural e sem restrições desnecessárias. Além disso, o autor diz que

Uma forma de esclarecer uma frase ou parágrafo difícil é traduzi-lo. O professor pede ao aluno para traduzi-lo ou traduz ele mesmo e todos os problemas são resolvidos - mas apenas no idioma em que a frase é traduzida. Especialmente quando as estruturas longas ou difíceis são traduzidas, a qual, parte da tradução corresponde à parte original, pode permanecer irreconhecível, ainda mais quando uma tradução pronta é apresentada aos alunos em vez de passar pelo processo de tradução com eles. Estudantes (e professores) se enganam quando pensam que uma frase deve ter se tornado clara pela tradução¹ (Rathert, 2002).

Desta forma, Rathert (2002) defende que “tradução significa ativar o foco no idioma do aprendiz²”, por isso deve ser feita pelos próprios alunos de forma independente. Se o professor lhes entrega textos por ele traduzidos estará evitando o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Porém não significa que o aprendiz deve traduzir textos e textos de forma literal, o próprio autor fala que as atividades das aulas de LE são na língua materna do estudante, quando na verdade deveria ser na L2 que ele está desenvolvendo. Para ele geralmente é suficiente apenas traduzir as articulações do link e não a sentença inteira, até porque “O uso acrítico da tradução pode dar aos aprendizes informações insuficientes,

¹ One method to clear up a difficult sentence or paragraph is to translate it. The teacher makes a good student translate it, or translates it himself or herself and all problems are solved - but only in the language the sentence is translated into. Especially when long or difficult structures are translated which part of the translation corresponds to which part of the original can remain unrecognizable, all the more when a ready translation is presented to the students instead of going through the translating process with them. Students (and teachers) deceive themselves when they think that a sentence must have become clear by translation.

² Translation means to turn the spotlight on the learners' language.

confusas ou até mesmo imprecisas sobre a LE.” (GABRIELATOS, 1998, p.23, apud CANTAROTTI, KIMINAMI, 2013, p. 5)

No ensino de línguas estrangeiras, a tradução é apenas um método, entre outros. Seu uso melhora a variedade de métodos e pode atender às necessidades especiais de estudantes cuja língua materna tenha uma gramática que seja fundamentalmente diferente[...] ³(Rathert, 2002)

Se usado de forma certa, a tradução em nada atrapalhará no aprendizado, tanto é que pode ser considerada uma quinta habilidade.

5. A TRADUÇÃO COMO QUINTA HABILIDADE

Embora ainda exista “preconceito” quanto ao seu uso, a tradução parece reconquistar seu espaço como ferramenta de ensino e aprendizagem, mas de forma adaptada às “exigências” dos atuais métodos existentes. Contudo, de acordo com o que já foi discutido anteriormente, sabe-se que o ato de traduzir é inevitável e até involuntário, desta forma, é possível usá-la a favor do docente.

Já foram citadas aqui as quatro habilidades mais conhecidas quando se ensina LE, requisitados na Abordagem Comunicativa, são elas a que contemplam os parâmetros da leitura, do discurso oral, da audição e, por fim, da escrita, todos direcionados para uma aprendizagem completa e que desempenham suas funções com maestria quando perfeitamente trabalhados pelo educador. Mas a AC não pode ser completa por não dar espaço a tradução, contando que esta, está presente a todo momento no processo de aprendizagem de LEs. Por esse motivo teóricos representam a tradução como uma quinta habilidade. GIESTA (2011, p. 4) afirma que “lidar de forma precisa com o conteúdo é essencial para evitar consequências ‘graves’. Estratégias como adivinhar a palavra pelo contexto podem ser consideradas ‘perigosas’, dependendo do tipo de texto”.

Para o funcionamento concreto, as atividades em sala necessitam de um acompanhamento e planejamento pedagógico eficiente, ciente de diretrizes que podem acabar atrapalhando o fluxo e os resultados do ensino da LE. Como tudo numa sala de aula, a base

³ In foreign language teaching, translation is just one method among others. Its use enhances the variety of methods and can meet the special needs of students whose mother tongue has a grammar which is fundamentally different [...]

geradora é o educador, de acordo com sua metodologia e suas devidas adaptações, um resultado diferente.

[...] estudos mostram que a tradução exige ponderação sobre significado e forma ao mesmo tempo; ela faz com que os estudantes escrevam melhor nas duas línguas, além de fornecer uma ótima prática em leitura e escrita; ela pode ser usada em todos os níveis e muitas outras vantagens que tem a ver com a forma como a tradução é utilizada. (DAMACENA, 2010, p. 5)

Costa (1988) considera a tradução como uma quinta habilidade, voltada à uma perspectiva cultural, importante para explicações de dificuldades de aspectos culturais das línguas. Pontes (2014)

[...] defende a prática tradutória como uma quinta habilidade que deve ser trabalhada em atividades que levem em conta as variações linguísticas. O aprendiz, ainda de acordo com o autor, ao lidar com diferentes variantes da língua em processo de aquisição, se dá conta do caráter movediço e inconstante dos significados em seus contextos culturais. O autor chama igualmente a atenção para o fato de que os materiais didáticos em geral não apresentam atividades que explorem a tradução como uma ferramenta no ensino de língua estrangeira e que os professores interessados na prática têm de buscar material complementar para lançar mão da tradução em sala de aula. (PONTES, 2014, p. 10)

Além disso, “a tradução não é apenas uma atividade de leitura e escrita. Ela pode, de fato, integrar as quatro habilidades, através da leitura, tradução / escrita / rascunho, edição, reedição e entre todos esses passos pode haver negociação oral do significado entre professor-aluno e aluno-aluno.” (DAMACENA, 2010, p. 6). A autora ainda diz que há dois tipos de tradução que podem ser trabalhadas em sala de aula. i) A tradução interiorizada (involuntária): feita por todo aprendiz de Língua Estrangeira, não podendo ser evitada, já que todo estudante nos estágios iniciais usa como base a Língua Materna. Desta forma, cabe ao professor, ajudar o aluno a interpretar significados, e não traduzir palavras; e a tradução pedagógica, que se baseia em “tradução explicativa” e “exercícios de tradução”.

A modalidade explicativa diz respeito à tradução realizada primordialmente pelo professor (mas também por alunos quando percebem que o colega não pescou a explicação em LE ou a tétrica tentativa de mímica do professor) para fazer entender uma palavra ou frase. Trata-se de uma espécie de *code switching* ou recurso pontual à LM. Nesta modalidade, o aluno não desempenha nenhum papel ativo e há pouca aprendizagem efetiva

do que se facilitou para ganhar tempo ou facilitar a compreensão. (RIDD, 2007)

então, sempre que esta modalidade for abordada, é importante um planejamento adequado que construa um contexto. “É um recurso importante quando é preciso explicar falsos amigos, ambigüidades, instruções e enunciados.” (DAMACENA, 2010, p. 8).

Já os chamados exercícios de tradução contribuem para uma aprendizagem consciente da LE, eles permitem a ampliação do léxico dos e promovem uma visão mais equilibrada e crítica da cultura da LE, evitando as “rotulações” em relação à cultura estrangeira. Podem ser compostos por exemplos de tradução direta ou inversa, em exercícios de tradução oral ou escrita. (DAMACENA, 2010, p. 8).

Em 1975, o linguista Roman Jakobson escreve o livro *Aspectos linguísticos da tradução*, onde aborda três tipos de tradução, diferente quanto a forma que se apresenta para o aluno, isto é, as formas principais pelas quais se pode traduzir, são elas: a tradução interlingual, intralingual e intersemiótica.

Para Roman Jakobson, existem três tipos de tradução:

- 1) A tradução intralingual, ou reformulação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1975, p 64-5).

Assim, fica claro que a tradução pode ser usada a favor tanto do docente quanto do aluno. Trata-se de uma ferramenta valiosa que precisa ser adaptada às necessidades comunicativas atuais, e não uma aberração inútil tomada como ultrapassada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tradução (ou ato de traduzir) está intrinsecamente ligado à interação social, que por sua vez, está em constante movimento, não sendo, então, a mesma que era comum há séculos atrás. Sabendo disso, é lógico considerar que a tradução também passa por tais mudanças, a fim de se adaptar a quem a utiliza. Assim, é papel do professor se atualizar desse método para

preparar a melhor forma de ensino de LE, o que não acontece, como já foi dito, e torna a tradução um obstáculo no aprendizado em vez de um instrumento deveras útil. Ao fim deste trabalho, com reforços de estudiosos da área da tradução, é possível reafirmar a prática “tradutória” como quinta habilidade no aprendizado de LE, fora as usualmente conhecidas (*reading, speaking, listening e writing*), todas capazes de convergir em prol de uma educação completa no aprendizado de uma nova língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO. Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009.

COSTA, Walter. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN Hilário.; VANDRESEN, Paulino (Eds.). **Tópicos de lingüística aplicada ao ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 282-291.

DALBEN, T. P. S. Tradução e ensino aprendizado de língua inglesa: Leitura e análise contrastiva como exercícios de construção de significados. **Revista (Con)textos linguísticos**. Vitória, n. especial, 2009, p. 135-144.

DAMACENA, Bianca M. Q. **O PAPEL DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA**. In: Seminário de Ensino de Línguas Estrangeiras, 2010, Passo Fundo. Educação lingüística no séc. XXI : foco na aprendizagem das línguas e das literaturas / organização Claudia Stumpf Toldo ... [et. al].. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

JAKOBSON, Roman. Aspectos Lingüísticos da Tradução. In: **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, pp. 64-5. São Paulo, Cultrix, 1975

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Tatiana Lourenço de (Orgs.). **Tradução e Ensino de Línguas: Desafios e Perspectivas**. Mossoró: Edições UERN, 2014, p. 10-27.

RATHERT, S. (2006). **I think that when...Translation in the English Classroom – some considerations**. Disponível em: < <http://www.hltmag.co.uk/nov06/mart03.htm> > Acessado em: 01/08/2017.

RIDD, M. D. Tradução? **Que tradução? Modalidades de tradução na aula de línguas**. “In”: I Encontro Internacional e Nacional 5ª Habilidade Tradução e Ensino “Tradução: uma ponte para o ensino”; 19 de outubro de 2007; UFES.

ROCHA, Natanael F. França. Tradução literal e aprendizagem de línguas estrangeiras: uma estratégia para memorização. **In-Traduções. Revista do programa de pós-graduação em**

estudos de tradução da UFSC, ed. 5, p. 82-94, 2012. Disponível em: < <http://www.incubadora.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/view/1809> >. Acessado em: 10/08/2017.

ROMANELLI, S. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. **Revista Inventário**, n° 5, p. 1-10, 2006. Disponível em: < <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm> > Acessado em: 15/08/2017.

_____. O uso da tradução no ensino - Aprendizagem das línguas estrangeiras. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 200-219, 2009